

Editorial

O atual cenário político inspira inquietação e vigilância. As diversas propostas apontadas pelas esferas do MEC sinalizam caminhar na contramão de conquistas políticas históricas, que ampliaram tanto o sistema educacional quanto a implementação de um cenário de pesquisas que reafirmaram os fazeres e saberes constituídos nos espaços escolares.

Frente a essas lógicas, que tentam silenciar, estigmatizar, desqualificar tanto os espaços quanto os atores das instituições escolares, tornamos público o presente número com o objetivo de ampliar o debate que já está se desenrolando e que se contrapõem às políticas de desmonte que provocam sentimentos de distopia e de não pertença. É preciso ser, estar e ocupar a escola de maneira genuína, comprometida e autêntica.

Diante da conjuntura que tenta silenciar os saberes e fazeres escolares insurgentes, urge reconhecermos e darmos visibilidade aos deslocamentos produzidos pela experiência, no sentido benjaminiano. Para Benjamin, a experiência que passa de boca em boca é a fonte a que podemos recorrer para afirmar que as histórias trazem possibilidades de produzir uma sinergia coletiva e ressignificar os saberes locais, gerando vida! Nas narrativas escritas, que aqui publicamos, estão presentes experiências de docentes que não aceitam a história única, nem acabada. Somos, junto com os autores, narradores que construímos o mundo na parceria de seres em mutação.

Como afirma Benjamin (2015, p. 181),

Quando era jovem, aprendi História lendo Neubauer, que ainda deve existir em muitas escolas, talvez hoje um pouco diferente do que era antes. Na época o que mais me chamava atenção era que as páginas eram divididas em caracteres grandes e pequenos. As páginas com caracteres grandes falavam de príncipes, guerras, tratados de paz, alianças, datas etc., coisas que tínhamos de decorar e eu não achava muita graça. Em caracteres pequenos vinham as páginas com a, assim chamada, história das civilizações, contando sobre os costumes e tradições das pessoas em tempos antigos, suas crenças, sua arte, ciência, suas construções etc. Aquilo não era preciso decorar, bastava ler, o que era muito mais divertido. Por mim, as páginas impressas em caracteres pequenos poderiam ter sido em número muito maior. Não se ouvia falar muito sobre essas coisas durante a aula.

Admitir a perspectiva colaborativa da vida cotidiana na produção de conhecimentos e da necessária parceria entre distintos narradores apresenta-se como uma possibilidade para o enfrentamento às políticas que se impõem como via de mão única, que querem nos dominar a custo de letras grandes.

A Revista Aleph, como uma ferramenta que quer amplificar o debate, apresenta artigos, ensaios e resenha resultantes de pesquisas que revelam os espaços educacionais que assumem, de modo propositivo, o desafio de enfrentar as lógicas distópicas por meio de movimentos, ações e intenções instituintes. As múltiplas paisagens escolares revelam as potencialidades possíveis no e do cotidiano escolar impulsionado por uma apropriação diferenciada do conhecimento. Como Paulo Freire nos assinalava, em seus escritos sobre o ser docente que aprende ao ensinar, é preciso lembrar que:

[...] O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica na medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e os diferentes caminhos e veredas que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas, que não foram percebidas antes pelo ensinante. Mas agora, ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criticidade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende também ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado.

Assim, articulamos o espaço de debates com a produção de conhecimento em diálogo com as experiências partilhadas que se transformam em um novo saber. Propomos romper com a racionalidade hierárquica hegemônica nas ciências Modernas e também com aquelas que se colocam de forma dogmáticas sem possibilidade de questionamentos; reafirmamos uma concepção de conhecimento que se constrói na horizontalidade, na organicidade, revelando aspectos que envolvem a escuta, a alteridade, a criatividade, o diálogo e o afeto, que apóiam e sustentam vozes e olhares de resistência ao que se pretende dominador.

Firmamos nosso papel social e político de publicizar experiências endereçadas à construção de um mundo onde caibam todos por inteiro, com suas singularidades e possibilidades de expressão cultural. Portanto, o sonho não acabou e a escola, que vem sendo apontada com seus profissionais como *locus* de desviantes, é de fato o espaço de potencialidades para a construção de conhecimentos sobre a diversidade humana, firmando uma sociedade democrática e includente, que se expressa em potência da autonomia docente no acolhimento e desenvolvimento das diferenças humanas.



Rejany dos S. Dominick
Érika Leme
Nazareth Salluto
Dagmar Mello e Silva
Sandra Maciel de Almeida
Walcéa Barreto Alves



Programa de Pós-Graduação em Educação 1971-2018
Mestrado e Doutorado

